

## Carta 1

De Cécile Volanges a Sophie Carnay  
(No Convento das Ursulinas de...)

Como vê, minha boa amiga, cumpro a minha palavra, e as fitas e os toucados não me ocupam mais do que o tempo necessário; há de sempre sobrar-me algum para ti. No entanto, só no dia de hoje vi mais adereços do que nos quatro anos que passámos juntas; e creio que a arrogante Tanville<sup>2</sup> terá maior aborrecimento com a minha primeira visita, em que conto perguntar por ela, do que pensou que nos causaria todas as vezes em que vinha visitar-nos *in focchi*. A Mamã consultou-me sobre tudo; tem-me tratado muito menos como uma pensionista. Tenho agora uma criada de quarto só para mim; disponho de um quarto e de uma saleta, e escrevo-te a uma escrivanhinha muito bonita, de que possuo a chave e onde posso trancar tudo o que quiser. A Mamã disse-me que irei vê-la todos os dias assim que se levante; que, para o almoço, basta-me estar penteada, já que estaremos sempre a sós, e que então me dirá, diariamente, a que horas devo ir ter com ela durante a tarde. O resto do tempo está à minha disposição, e tenho a minha harpa, o desenho e os livros, como no convento; com a diferença de que a Madre Perpétua não estará aqui para ralhar comigo, e dependerá apenas de mim ficar sempre sem fazer nada: mas como não tenho a minha Sophie para rir e conversar, prefiro então ocupar-me.

Ainda não são cinco horas; só devo encontrar-me com a Mamã às sete: tempo mais do que suficiente caso tivesse alguma coisa para te contar! Mas ainda não me disseram nada; não fossem os preparativos que vejo ao meu redor, e a quantidade de costureiras que vêm por minha conta, não acreditaria que pretendem casar-me, e que é apenas mais um disparate da boa Joséphine<sup>3</sup>. Contudo, a Mamã tantas vezes me disse que uma menina devia ficar no convento até casar que a Joséphine deve ter razão, visto que ela está a tirar-me de lá.

Uma carruagem acaba de parar à porta, e a Mamã mandou chamar-me aos seus aposentos sem demora. E se for o meu pretendente? Ainda não

---

<sup>2</sup> Pensionista do mesmo convento.

<sup>3</sup> Rodeira do convento.

estou vestida, as minhas mãos tremem e o meu coração bate apressado. Perguntei à criada de quarto se sabia quem estava com a Mamã: «Acho que é o Senhor C...», disse ela. E ria. Oh! Creio que é ele. Voltarei seguramente depois para te contar o que se passou. É esse o nome dele. Não devo fazer-me esperar. Adeus, até daqui a pouco.

Como te vais rir da tua pobre Cécile! Oh! Fiquei tão envergonhada! Mas tu, como eu, ter-te-ias deixado enganar. Ao entrar nos aposentos da Mamã, avistei um senhor vestido de preto, de pé, ao lado dela. Saudei-o o melhor que pude, e fiquei ali, sem conseguir mexer-me. Podes imaginar como o examinava! «Senhor», disse ele à Mamã, cumprimentando-me, «é uma jovem encantadora, e percebo mais do que nunca o valor da sua gentileza.» Estas palavras tão positivas fizeram-me tremer de tal maneira que não conseguia manter-me de pé; achei uma poltrona e sentei-me, muito vermelha e desconcertada. Mal tinha acabado de me sentar e o homem já estava a meus pés. A tua pobre Cécile perdeu então a cabeça; estava desnordeada, como disse a Mamã. Levantei-me soltando um grito lancinante...; como naquele dia do trovão, ainda te lembras? A Mamã deixou escapar uma gargalhada, dizendo: «Ora, que se passa? Sente-se e dê o seu pé a este senhor.» Com efeito, minha amiga, o tal senhor era um sapateiro. Não posso dizer-te como fiquei envergonhada: felizmente, só ali estava a Mamã. Creio que, depois de casada, não irei mais recorrer aos serviços desse sapateiro.

Hás de convir que já sei muitas coisas! Adeus! São quase seis horas e a minha criada de quarto diz que tenho de me vestir. Adeus, minha querida Sophie; gosto tanto de ti como quando estava no convento.

P. S. — Não sei por quem enviar esta carta, de modo que vou esperar que a Joséphine apareça.

Paris, 3 de agosto de 17\*\*.

*Carta 2*

Da Marquesa de Merteuil ao Visconde de Valmont, no Castelo de...

Volte, meu caro Visconde, volte: que faz o Senhor, que tanto tem para fazer em casa de uma velha tia cujos bens já lhe foram todos legados? Parta de imediato assim que receber esta carta; preciso de si. Ocorreu-me uma excelente ideia e gostaria de confiar-lhe a sua execução. Estas poucas palavras deveriam bastar; e, muito honrado com a minha escolha, deveria, diligentemente, vir receber as minhas ordens de joelhos; mas o Visconde abusa das minhas atenções, mesmo depois de ter deixado de desfrutar delas; e, entre um ódio eterno ou uma indulgência excessiva, para sorte sua, é a minha gentileza que se impõe. De modo que consinto em contar-lhe as minhas intenções. Jure-me apenas que, como fiel cavaleiro, não se irá envolver em nenhuma aventura enquanto não tiver levado esta a termo. É digna de um herói: o Visconde servirá o amor e a vingança; será, enfim, mais um arдил a acrescentar às suas memórias: sim, às suas memórias, pois quero que um dia sejam publicadas, e encarrego-me eu de as escrever. Mas deixemos isso e voltemos ao que me interessa.

Madame de Volanges está para casar a filha: ainda é segredo, mas desde ontem que estou na posse dele. E quem julga que ela escolheu para genro? O Conde de Gercourt. Quem diria que eu viria a ser prima de Gercourt? Estou tão furiosa... Pois bem, não adivinhou ainda? Oh, que cérebro tão lento! Acaso já lhe perdoou a aventura com a Intendente? E eu, não tenho ainda mais motivos de queixa, seu monstro?<sup>4</sup> Mas vou acalmar-me, e a esperança de me vingar tranquiliza-me a alma.

Decerto já se aborreceu, assim como eu, com a importância dada por Gercourt à sua próxima conquista, e com a sua tola presunção de que conseguirá evitar o inevitável. Conhece as suas ridículas prenoções quanto à educação claustral, e o seu preconceito, ainda mais ridículo, sobre o recato das louras. Na verdade, estava capaz de apostar que, apesar das sessenta mil libras de renda da menina Volanges, ele jamais faria esse casamento se

---

<sup>4</sup> Para entender esta passagem, deve salientar-se que o Conde de Gercourt tinha deixado a Marquesa de Merteuil pela Intendente de \*\*\*, que lhe tinha sacrificado o Visconde de Valmont, e que foi então que a Marquesa e o Visconde se ligaram um ao outro. Como esta aventura é muito anterior aos acontecimentos de que tratam estas cartas, julgou-se dever suprimir toda a correspondência que com ela se liga. [N. do A.]

ela fosse morena, ou se não tivesse estado no convento. Pois vamos provar-lhe que não passa de um tolo: sê-lo-á certamente um dia, não é isso que me preocupa; o divertido seria que ele comesse por aí. Como iríamos rir, no dia seguinte, ao ouvi-lo gabar-se! Porque ele há de gabar-se; além disso, se chegar a instruir essa menina, só por muito azar Gercourt não se tornaria, como qualquer outro, motivo de chacota por toda a cidade de Paris.

De resto, a heroína deste novo romance merece toda a sua atenção: é na verdade bonita; tem apenas quinze anos, é um botão de rosa; incrivelmente acanhada, como já não se usa, e sem nenhuma afetação: mas vós, os homens, não temeis isso; além do mais certo olhar langoroso que realmente promete. Acresce a tudo isso que sou eu que a recomendo; só lhe resta agradecer e obedecer.

Receberá esta carta amanhã pela manhã. Exijo que amanhã, às sete da tarde, esteja em minha casa. Não vou receber ninguém antes das oito, nem mesmo o meu atual Cavaleiro: esse não tem tino suficiente para um assunto tão sério. Como vê, não me deixo cegar pelo amor. Às oito horas, devolvo-lhe a sua liberdade, e às dez, voltará para jantar com a linda menina em questão, uma vez que mãe e filha virão jantar a minha casa. Adeus, já passa do meio-dia; em breve deixarei de me ocupar do Senhor.

Paris, 4 de agosto de 17\*\*.

*Carta 3*

De Cécile Volanges a Sophie Carnay

Ainda não sei de nada, minha boa amiga. A Mamã recebeu ontem muitos convidados para jantar. Apesar do meu interesse em observar, principalmente os homens, aborreci-me muito. Toda a gente, homens e mulheres, olhava muito para mim, e depois segredavam entre si; e eu percebia claramente que era de mim que falavam, o que me fazia corar. Não conseguia evitar, e bem que o desejava, pois reparei que, quando olhavam para as outras mulheres, elas não coravam; ou talvez a pintura que elas usam dissimule o rubor causado pelo embaraço; uma vez que deve ser bem difícil não corar quando um homem nos encara fixamente.

O que mais me preocupava era não saber o que pensavam a meu respeito. Creio ter escutado, duas ou três vezes, a palavra *bonita*; mas escutei distintamente a palavra *acanhada*; e deve ser mesmo verdade, pois a mulher que falava assim é parente e amiga da minha mãe; pareceu-me, inclusive, ter-se logo tomado de amizade por mim. Foi a única pessoa que conversou um pouco comigo durante toda a noite. Amanhã jantamos em casa dela.

Também escutei, após o jantar, um homem dizer a outro, e tenho certeza de que falava de mim: «Há que deixá-la amadurecer, veremos este inverno.» Talvez seja esse que deve casar-se comigo; mas, nesse caso, já seria dentro de quatro meses! Queria muito saber algo a respeito.

Acaba de entrar a Joséphine, e diz-me que está com pressa. Mas quero ainda contar-te mais um dos meus acanhamentos. Oh, creio que aquela senhora tinha razão!

Depois do jantar, puseram-se a jogar. Sentei-me junto da Mamã; não sei como aconteceu, mas adormeci quase de imediato. Acordei com uma sonora gargalhada. Não sei se era de mim que estavam a rir-se, acredito que sim. A Mamã permitiu que me retirasse, para minha imensa alegria. Imagina, já passava das onze horas. Adeus, minha querida Sophie; ama sempre a tua Cécile. Asseguro-te que a sociedade não é tão divertida como pensávamos.

Paris, 4 de agosto de 17\*\*.

*Carta 4*

Do Visconde de Valmont à Marquesa de Merteuil  
*em Paris*

As suas ordens são encantadoras; e a sua maneira de as dar é mais amável ainda; a minha amiga seria capaz de fazer apreciar o despotismo. Não é a primeira vez, como sabe, que lamento não ser já seu escravo; e por muito *monstro* que diga que sou, não recordo nunca sem prazer o tempo em que me honrava com apelidos mais doces. Muitas vezes, sinto inclusive o desejo de voltar a merecê-los e acabar por dar, consigo, um exemplo de constância ao mundo. Interesses mais altos nos chamam, porém; o nosso destino é conquistar; cabe-nos cumpri-lo: quiçá ainda nos encontremos no fim do caminho; pois, digo isso sem querer aborrecê-la, minha bela Marquesa, os seus passos são, no mínimo, parelhos aos meus; e desde que, separando-nos para alegria geral, cada um de nós prega por seu lado a sua fé, quer parecer-me que nesta missão amorosa a minha amiga angaria mais prosélitos do que eu. Conheço o seu zelo, o seu ardente fervor; e, se nos julgasse Deus pelas nossas obras, a Senhora seria um dia a padroeira de uma grande cidade, ao passo que este seu amigo seria, quando muito, o santo de uma aldeia. Esta linguagem surpreende-a, não é verdade? Mas há uma semana que não escuto nem falo outra; e é para me aperfeiçoar nela que me vejo forçado a desobedecer-lhe.

Não se zangue, e escute-me. Depositária de todos os segredos do meu coração, vou confidenciar-lhe o maior plano que já concebi. O que me sugere? Seduzir uma jovem que não viu nada, nem conhece nada; que, por assim dizer, me seria entregue sem defesa; que uma primeira homenagem não deixará de embriagar, e que a curiosidade talvez conduzisse mais rapidamente do que o amor. Há vinte homens que nessa empresa seriam tão bem-sucedidos como eu. O mesmo não acontece com o projeto que me ocupa; o seu êxito valer-me-á tanta glória quanto prazer. O próprio amor que tece a minha coroa hesita entre a murta e o loureiro, ou melhor, há de juntar ambos para honrar o meu triunfo. Até a minha bela amiga será tomada de um santo respeito e dirá, entusiasmada: «Aí está um homem a meu gosto.» A minha amiga conhece a esposa do Presidente de Tourvel, a sua devoção, o seu amor conjugal, os seus princípios austeros.

Eis o alvo do meu ataque; eis o inimigo à minha altura; eis o objetivo que pretendo alcançar;

*Et si de l'obtenir je n'emporte le prix,  
J'aurai du moins l'honneur de l'avoir entrepris.*<sup>5</sup>

É permitido citar maus versos, quando são de um grande poeta.<sup>6</sup>

Como deve saber, o Presidente de Tourvel encontra-se em Borgonha, por conta de um processo de peso (espero fazê-lo perder outro, mais importante). A sua inconsolável metade deverá passar aqui todo o período desta aflitiva viuvez. Uma missa diária, algumas visitas aos pobres da região, orações de manhã e de tarde, passeios solitários, piedosas conversas com a minha velha tia e, uma vez ou outra, um melancólico jogo de *whist* deveriam ser as suas únicas distrações. Estou a preparar-lhe outras, mais eficazes. O meu anjo bom trouxe-me até aqui, para alegria dela e minha. Insensato! Lamentava as vinte e quatro horas que ia sacrificar em civilidades da praxe. Como eu seria castigado se me obrigassem a voltar a Paris! Felizmente, são precisas quatro pessoas para jogar *whist*; e, como por aqui se encontra apenas o pároco do lugar, a minha eterna tia insistiu muito para que eu lhe sacrificasse alguns dias. Já adivinhou que acedi. Não imagina como me tem mimado desde então, como se sente enlevada ao ver-me assistir regularmente à missa e às suas orações. Não faz nem ideia qual a divindade que eu vou ali adorar.

E aqui estou eu, há quatro dias, entregue a uma forte paixão. A minha amiga sabe como desejo intensamente e como devoro os obstáculos: mas desconhece o quanto a solidão aumenta o ardor do desejo. Tenho apenas uma ideia; de dia penso nela, sonho com ela à noite. É-me absolutamente necessário possuir essa mulher, para evitar o ridículo de estar apaixonado por ela: pois até onde não nos conduz um desejo contrariado? Ó delicioso gozo! Imploro-lhe para minha felicidade e, sobretudo, para meu sossego. Que sorte a nossa as mulheres se defenderem tão mal! Ou não passaríamos, junto delas, de tímidos escravos. Experimento, neste instante, um sentimento de gratidão pelas mulheres fáceis, que naturalmente me

<sup>5</sup> E se eu não conseguir o prémio de o obter, / Terei ao menos a honra de o haver tentado. [N. da T.]

<sup>6</sup> La Fontaine. [N. do A.]

conduz a seus pés. Prosterno-me diante deles a fim de obter o meu perdão, e assim concluo esta missiva demasiado extensa. Adeus, minha bela amiga: sem rancor.

Do Castelo de..., 5 de agosto de 17\*\*.